

CARTAS DE AMOR DO POETA

Cecilia Zokner (ceciliazokner@gmail.com)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: Estudo da correspondência do Poeta chileno Pablo Neruda para sua mulher Matilde Urrutia, escrita no período de 1950 a 1973, compreendendo duas séries chamadas pelo compilador das cartas de “A época do amor secreto” (1950-1955) e “Quando o amor já não se oculta” (1955-1973). A aproximação descritiva se ateve aos pormenores de apresentação como tipo do papel e modo de escrita e nos elementos intrínsecos dos conteúdos, nos detalhes formais (tratamento, vocativo, data, assinatura) e nos assuntos nos quais se entremeiam questões práticas do cotidiano e projetos de futuro. E, sobretudo, as expressões do amor não isentas de ciúme, tampouco das certezas tão próprias dos apaixonados.

Palavras-chave: Carta, amor, segredo, poeta.

THE POET'S LOVE LETTERS

Abstract: A study of the letters exchanged between the Chilean Poet Pablo Neruda and his wife Matilde Urrutia, written from 1950 to 1973, encompassing the two series arranged under the headings “Time of secret love” (1950-1955) and “When love no longer hides” (1955-1973). The descriptive part focuses on details of presentation, such as type of paper and modes of writing and on intrinsic elements of content, on formal details (treatment, addressing, date, signature) and on topics in which practical everyday matters and projects for the future intermingle. And, mainly, love expressions not entirely free from touches of jealousy, or which express the peculiar certainties of lovers.

Keywords: Letters, Love, Secret, Poet.

Artigo recebido em 09 mar. 2015 e aceito em 06 abr. 2015.

Tendría mucho que decirte pero inútiles son las palabras.

Pablo Neruda

Em 2010 a Editorial Seix Barral de Barcelona publicou Pablo Neruda *Cartas de amor*. Uma edição de duzentas e cinquenta e nove páginas, impressa em papel ecológico com Introdução e notas de Dario Oses. Na breve Introdução, ele apresenta Matilde Urrutia e numas poucas palavras se detém no primeiro encontro dela com Neruda sob o signo da música, em Santiago e nos que se lhe seguiram. Presença/ausência nos muitos itinerários, justificando as cartas e os bilhetes e que norteia uma correspondência iniciada em fins de 1950 prolongada até 1973, cuja constante foi a renovada declaração de amor. Sobre essa correspondência – conservada por Matilde Urrutia e hoje, parte do Archivo de la Fundación Pablo Neruda – se refere, brevemente, aos assuntos das cartas e aos diversos tons emocionais com que foram escritas como, também, à maneira como as ordenou. Seu cuidadoso trabalho permite conhecer, com raras exceções em que não lhe foi possível decifrar a letra do Poeta, na íntegra, esses pequenos bilhetes, breves notas e cartas. Acompanhando o texto em letras de imprensa, a reprodução do respectivo original, deixando evidente, no papel em que foi escrito e nos desenhos que, por vezes, o enriquecem, a informalidade e o lúdico, expressão dessa veia espontânea e brincalhona que o Poeta sempre revelou no trato com seus íntimos e em alguns de seus poemas. Notas antecedem cada uma das cartas e bilhetes, situando-as, quando foi possível, no tempo e, igualmente, quando possível, esclarecendo sobre o lugar onde foram escritas. Muitas são as notas de rodapé em que Darío Oses, igualmente, explica algum pormenor da vida de Neruda, baseando-se em obras de outros estudiosos, dos livros *Las uvas y el viento* e *Los versos del capitán* e do poema “Que despierte el leñador”. Esclarece quem são esses amigos citados pelo Poeta, confessando que no que se refere a essa enigmática tia que coordena a presença de Neruda na Itália, nessa época, não lhe foi possível conhecer a identidade. Tampouco pode saber a identidade de outras pessoas citadas apenas pela inicial do nome uma vez que não o esclareceu. Aclara sobre a situação geográfica de dois topônimos chilenos e sobre uma expressão que Neruda usou que é um estribilho próprio da música popular chilena. Também sobre o problema de saúde de Matilde e sobre o nome,

entre humorístico e provisório que haviam dado ao filho que esperavam. Certamente, um trabalho cuidadoso e de grande valia o possibilitar o conhecimento dessa correspondência de Neruda que tanto pela forma com a qual é apresentada como pelo conteúdo é, sem dúvida, *sui generis* se comparada ao epistolário amoroso de seus congêneres mais conhecidos.

Certamente um trabalho minucioso e de grande valia possibilitar o conhecimento dessa correspondência de Neruda que tanto pela forma com a qual é apresentada como pelo seu conteúdo é, sem dúvida, *sui generis* se comparada ao epistolário amoroso de seus congêneres mais conhecidos.

Matilde, longo e grande amor de Pablo Neruda é a destinatária dessas cartas, escritas entre 21 de dezembro de 1950, quando Pablo Neruda não havia, ainda, se separado de sua segunda mulher, Delia del Carril, até fevereiro de 1955, ao ocorrer o rompimento e se inscrevem na *época del amor secreto* como chamou Darío Osés a esse período. Formam a primeira e a segunda parte do livro. Daí ser explicável que nas primeiras cartas, Delia del Carril seja, por vezes, mencionada. Presente, implicitamente, no verbo de primeira pessoa plural quando o casal ainda fazia viagens juntos: *hemos estado em Varsóvia, Praga y Viena...; Nosotros regresaremos allí [em Paris] dentro de un mês; hemos vuelto de Shangai, escribenos a Praga; salimos mañana a la reunión que tu sabes [...]; escíbeme una carta para nosotros [...]*. Ou, mencionada como se, efetivamente, participasse das decisões: *Ahora no me escribas mas privadamente. Contestame e en forma general sobre tu vida y proyectos, y así me dices tu decisión para que se sepa y tome yo con Delia las medidas necesarias*. E, quando pretende camuflar o relacionamento, enviando a Matilde um postal da Rússia onde assina Pablo y Hormiga, o apelido de Delia. Ou, no convite que faz para que passe o Ano Novo com eles: *Comunicamos a Ud que pasaremos el Año Nuevo em Roma. Queremos contar contigo, chilena loca. Vente esse día de donde estes y te vuelves donde no te preguntaremos. Teléfono para preguntar por nosotros em Roma [...]*. Na carta de 26 de outubro que Darío Osés presume ser de 1951, primeiramente diz de sua raiva ao telefonar-lhe e não a encontrar em casa e de quanto falou mal dela por isso a ponto de Delia ter se incomodado. Faz referência aos presentes que lhe enviou e pede que mencione ter comprado algo chinês. Também, que ela conte tudo sobre seus amigos de viagem sobre o que irá averiguar. No segundo parágrafo anuncia estar tudo ajustado conforme combinaram e que irá telefonar, pois eles têm muito o que dizer e que tomou decisões que irão

lhe agradecer. Pede que programe bem os detalhes da viagem, que pense no que vai dizer na carta a D. (certamente Delia). Três dias depois, de Paris (segundo o P. que antecede a data e informação de Dario Osés), torna a se referir a *nuestro proyecto* que está confirmado e supõe que ela já deve ter recebido o jaquetão o qual deverá ser mencionado somente para ele. Pede que lhe escreva uma *carta para nosotros* (na verdade, para ele ainda que, certamente, o pronome no plural faça supor que dirigida a ele e a Delia), esclarecendo sobre seus companheiros de viagem e o hotel em que ficaram na Suíça. Insiste no pedido porque essa viagem é comentada devido a uma carta que ela mandou para D. (outra vez apenas a inicial do nome Delia). Finalmente, a carta em papel timbrado do Hotel Cornavin de Genebra, com a notação do dia da semana e do mês (*miércoles*, 12) em que, ainda uma vez se refere à Delia, desta feita usando a letra H., provavelmente de Hormiga, como é presumível e nota Dario Osés. Diz que anjo ou diabo ela continua velando pelo amor deles, pois H. aceitou plenamente, o plano que ele havia ideado para afastá-la e assim eles poderem estar juntos sem maiores entraves.

Assim, na verdade, nunca houve da parte do Poeta, uma preocupação quanto ao papel em que escrevia. Usava papel timbrado (ou um envelope) do Senado do Chile, da Câmara dos Deputados da Itália, da “Fundación Pablo Neruda para el estudio da la poesia”, de hotéis (Copacabana Palace do Rio de Janeiro, Cornavin de Genebra, Hôtel d’Angleterre de Roma, Grand Hôtel e Malmen de Estocolmo, Maury de Angofogasta). Ou folha destacada de uma agenda, envelope, algum pedaço de papel rasgado qualquer e postais (paisagem da Rússia, de Machu-Pichu, de Buenos Aires, reprodução de Jacob van Ruisdael, da companhia aérea na qual viajava). Até porque em Paris, escreve no Correio (*he venido al correo y em medio del torbellino de gente que pasa a mi lado solo tengo tiempo para darte el beso que te mereces*) ou num Congresso em que algum intervalo lhe permita fazê-lo: *Como por aquí pasa mucha gente a verme y me miran la carta voy a cerrarla*. Então, se por vezes, os papéis são ilustrados como aqueles que usa quando lhe escreve da China, na maioria das vezes, nessa correspondência para Matilde datada de Roma, Berlim, Paris, Viena, /Rio de Janeiro, Buenos Aires, Isla Negra, Genebra, Pequim, Estocolmo, Nápoles, Genebra, viajando no trem transiberiano ou, ainda, num voo, chegando em Buenos Aires, entre Londres

e a Suíça, sobrevoando a Espanha, o faz, servindo-se do papel que, no momento, lhe está às mãos e com letra do próprio punho.

Exceções, as duas pequenas cartas datilografadas. Uma delas, em papel chinês, sem erros e a outra, posterior, em que o Poeta comenta ter comprado a máquina (*esta GANGA*) o que explicaria as imperícias na datilografia, como aponta Dario Oses. As demais cartas são todas manuscritas, na letra apressada que lhe é peculiar. Vez por outra com uma letra maior do que a habitual e quase sempre com tinta verde ainda que, de vez em quando, use vermelha que a impressão do livro tem o cuidado de acompanhar. E azul (ao escrever de Berlin ou no avião) ou preta (em breve frase, acompanhando umas entradas, num bilhete, junto com mensagens de dois amigos e naquele que trata de questões práticas e diz ter perdido a caneta); ou algumas linhas com tinta verde que deve ter acabado uma vez que usou também tinta azul. Uma escrita alinhada horizontalmente, por vezes um pouco ascendente, inclinada para a direita, ocupando toda a superfície do papel ou completando o assunto na vertical ao aproveitar o espaço deixado pela margem. Ou bem ascendente como o pequeno bilhete sem data em que anota, apenas, com uma letra maior do que a habitual, *Hoy miércoles*; e uma ou outra vez em diagonal no papel retangular. Poucas vezes aparece descendente como nas cartas de 26, 29 e 31 de outubro de 1951, quando embrabece com Matilde; ou na de 10 de dezembro, sem ano, na qual ele conta ter estado gripado e provavelmente ainda não esteja recuperado, mostrando um certo desânimo e na carta em que se mostra cheio de saudade, a ansiar pelo encontro previsto. Há casos em que circunda ilustrações impressas no papel ou faz um desenho Na carta de 25 de outubro de 1952, um desenho cheio de significados: mesa com vaso de flores, mulher chorando com tantas lágrimas que não apenas constituem uma *sopa de lágrimas*, como caem para o chão, um cachorrinho malhado cuja curiosidade se revela no balão sobre ele, contendo um ponto de interrogação, duas garrafas, um sol que segundo as palavras escritas perto dele é indicador de esperança para as pequenas figuras humanas, Matilde na frente segurando a sua mão, correndo provavelmente para a liberdade. Ou o desenho da carta sem data em que repete (como assinala Dario Oses) *o retrato de Matilde que fez Diogo Rivera, isto é um rosto visto de frente e de perfil*. Ou este outro desenho num pequeno bilhete: uma árvore da altura do cartão, uma casinha rudimentar

no seu canto esquerdo, tendo ao lado, representado em poucos traços um ser humano e umas linhas horizontais, onduladas, ocupando a largura do cartão. Faz o desenho de uma flor num cartão em que escreve: *Esta se la mando desde la estación de Berlin.*

Quanto à data, pode-se dizer que em cada carta, é diferente a maneira como o Poeta registra o dia, mês e ano em que escreve. Ou não o faz e a informação é dada, ocasionalmente, pelo timbre do Correio ou por uma letra que se acrescenta à carta e que Dario Oses opina ser a de Matilde. Informação que, no entanto, ainda no dizer do organizador das cartas, pode ser incorreta como no caso daquela cujo conteúdo parece não corresponder à data: 9 de outubro de 1959. Por vezes, é o próprio Neruda que põe em dúvida o dia em que escreve e lhe acrescenta um ponto de interrogação: *Isla Negra domingo 14?* E mais adiante, Feb. 1955. Em quase uma dezena delas, ou pelo assunto ou pelo tom emocional ou, ainda, a partir do lugar de onde Pablo Neruda escreve, Dario Oses presume o ano em que foi escrita o que pode ser por aproximação como no caso da breve carta enviada da Finlândia onde Pablo Neruda esteve duas vezes, em 1955 e em 1957. Ou do postal enviado no dia 14 de setembro do trem Transiberiano que remete, com segurança, ao ano de 1951 que foi o ano em que o Poeta realizou essa viagem. Também aquela, sem data, mas que se refere ao aniversário de Matilde escrita numa sexta feira, certamente, num 5 de maio. De maneira geral, a data é colocada no início da carta, pode acontecer, porém, que ela apareça no meio do texto ou no fim. Poucas vezes, elas trazem as três informações usuais. Muitas, simplesmente, não são datadas: aquelas, na sua maioria, escritas quando o Poeta e Matilde já moravam em Santiago, mas, ainda, em casas separadas e eram enviadas e recebidas no mesmo dia quando, então, ele escreve apenas *hoy* ou *hoy miércoles*. Nas demais, as combinações são as mais variadas: somente o dia do mês ou somente o dia da semana. Ou o dia da semana e do mês. Ainda, o dia da semana, o dia do mês e o mês. Ou o dia da semana, do mês, o mês e ano. O dia e o mês. Dia da semana, dia do mês e o ano. Algumas, registram o dia do mês, o mês e a hora à qual se acrescentam *de la noche, de la mañana, p.m.* Noutras, há uma reafirmação da data pelo uso do advérbio *hoy* acompanhado ou somente da notação do ano ou o dia da semana, dia do

mês, o ano. E duas vezes, somente o advérbio *hoy*: uma vez acompanhado de PM e outra da explicação *no sé que dia es ni que fecha*.

Embora haja cartas em que o Poeta use o tratamento *Usted* e outras, poucas, em que mistura *tu* e *usted*, na maioria delas, emprega o pronome de segunda pessoa. Quanto aos vocativos, ainda que não apareçam em todas as cartas eles, na verdade, são inúmeros, muitos e diferentes entre si. Assim, na primeira carta que foi registrada em *Pablo Neruda cartas de amor*, o vocativo é simplesmente Matilde o que, salvo uma vez, não mais acontecerá. Irá aparecer abreviado (Mat) ou acompanhado de um possessivo (Mati mia?) posto em dúvida pelo sinal de interrogação que o acompanha e que terá resposta no segundo parágrafo, iniciado secamente com o nome próprio Matilde ao qual se seguirão as queixas que dela tem o Poeta. Mas que se diluem ao começar o parágrafo seguinte com a expressão *querida*. Em outras cartas Matilde será antecedido de expressões díspares: *Santa Matilde*, *Doña Matilde*, *Estimada Srta Matilde*. Três vezes, Neruda antecede o nome de Matilde da palavra *Santa*. Uma vez sem colocar a data e em dois bilhetes, o dia cinco de maio, aniversário de Matilde que não corresponde ao dia dedicado à Santa Matilde. E não se atendo a alguma qualidade que as pudesse tornar semelhantes porque a seguir a chama de *hechisera de bolsillo*, *sultana del mar*, expressões que lhe conferem um poder – o de se fazer amar – ao qual o adjetivo *santa* poderia, também, ser relacionado. *Doña Matilde* é, certamente, uma troça ao estabelecer um distanciamento que o *Usted*, a seguir, reafirma, assim como os verbos na primeira pessoa do plural – na verdade, ele se expressa, *soit disant* em nome de amigos e de Delia com os quais pretendia passar o Ano Novo em Roma. Ao chamar Matilde *Paloma de la Guerra*, é possível que a esteja a fazer uma relação, como o observa Dario Oses em nota de rodapé, com a Pomba da Paz que ele havia entregue no II Congresso Mundial da Paz, realizado em Varsóvia. No entanto, o jogo de palavras em *Hasta, luego Paloma de la guerra* é bem instigante. Porque o advérbio *luego*, separado do *Hasta*, pela vírgula que desfaz a expressão *hasta luego*, parece remeter a uma possível transformação comportamental e emocional, algum estado belicoso de Matilde, levada a viver uma situação ambígua com o Poeta haja visto que sua separação de Delia del Caril não havia, ainda, ocorrido. Trocista, o vocativo *Estimada Srta. Matilde*, repetido na despedida, a introduzir uma lamentação pelo encontro frustrado. Troça que se intensifica

na segunda parte da carta em que, na sequência de epítetos entre o primeiro, *alma mía* e o último *tierra de mi corazón* se misturam expressões de exagerado lirismo com outras fantasiosamente infantis. Mais usados, os vocativos *querida mía* (inclusive, uma vez, a reafirmar a posse com o uso da vírgula entre as duas expressões e outra vez, servindo-se do pleonasma *mía, mía*) e, sobretudo na sua indiscutível síntese, os vocativos *amor, mi amor* ou *amor mio* que, também, aparecem no meio da carta (como *Patoja mia*) e no seu final e, então, reafirmados por um uso pleonástico ou por outros vocativos: *vida mía, mi adorada, alma mía, adorada, dulce mia*. Alguns vocativos, no entanto, aparecem apenas uma vez: *muy adorada mujercita mia, valiente mujercita mia, Mi retaguradia cagoncita, fiero mia, perra mia, Sra. Rosario, doña Rosario, Pat Hoja, Patoja mia, Amor Patoja de mis entretelas, Patoja loca, Cochina Patoja, Patoxita, La Chasca, Mi estimadita, diabla colorada*.

Se nesses vocativos está presente a afirmação do amor em múltiplos diapasões (o lírico, o amoroso, o trocista, o brincalhão) assim acontece, também, nos epíteto, que se espalham pelas cartas. Ou chamando Matilde de *la Chasca, Patoja loca, mi Chascuda* ou de *chilena loca* a demonstrar intimidade de amigo numa carta escrita quando ainda estava na companhia de Delia del Carril. Ou, simplesmente *corazón*. Num bilhete de poucas linhas, sem referência a lugar e sem data, em que o vocativo é *Doña Rosario* e o remetente, *el de Temuco*, anuncia a remessa de um manto de Araucanía para *la medusa araucana*. Amorosamente a chama de *sueño mio, adorada mia* e, apaixonado enumera *amor, adorada mia, sol de este día, luna de la noche*. Uma vez finaliza, brincalhão, com *perra furiosa* a lembrar do epíteto de outra carta, *fiero mia* (depois de um desentendimento) e, ainda, o de outra, *mi perra*. Em duas outras cartas se apraz em enumerações de epítetos. Numa, os antecede do possessivo de segunda pessoa a jogar com o possessivo de primeira pessoa para estabelecer uma ligação absoluta entre Matilde e ele: *tu boca es el pan de mi boca, tu corazón es mi corazón, tu cuerpo adorado es mi reino*. Em outra, justapõe simples adjetivos – *firme, amada, dulce, valiente, alegre, seria, leal* – sendo que o último, *abrazada*, é completado por um adjunto a exprimir aquele desejo de um amor sem fim, sentimento tão próprio dos amantes, o desejo da eternidade: *abrazada por toda la vida a su capitán*.

Como diz Darío Oses, as cartas foram escritas ao correr da pluma, sem nenhum cuidado estilístico. E, assim espontâneo, o tom em que Neruda

as escreve e que se mostra em perfeito acorde com o seu jeito de ser: primorosamente amoroso, ainda quando se revela dominado pelo ciúme e pela desconfiança como na carta de 26 de outubro de 1951: [...] *estoy cansado de traiciones* [...]. *He pasado desesperado estos días, nervioso y colérico* [...]. Em outra, sem data, escrita numa quarta-feira, em que inicia com o vocativo *amor mío* e procura se desculpar por um desentendimento que tiveram, argumentando: *No podemos poner en peligro nuestro maravilloso amor* e termina mandando *Todos los besos*, e acrescentando o epíteto *fiera mía*. Exceção desses raros momentos de desagrado, o tom das cartas é sempre o de um homem apaixonado. Mas, nota, ainda, Darío Oses, que embora sendo grande Poeta, ele incorre nos *piores lugares comuns* do bolero como na carta de 26 de outubro de 1952: *tus lágrimas riegan tu corazón y el mío, te cambian y te enternecen, estamos más juntos que muchos que jamás se separaron, nuestras raíces están amarradas y mojadas con las mismas lágrimas*. Piegas, na mensagem de três linhas *Te acuerdas? Yo sí. Ay que divino! Pieguice que, también, está presente ao designar Matilde de valiente mujercita mía, firme, amada, dulce, valiente, alegre, seria, leal, y abrazada por toda la vida a su capitán, tu boca es el pan de mi boca, tu corazón es mi corazón, tu cuerpo adorado es mi reino*; quando se lamenta por alguma atitude que não está a entender (*fué todo esto un nuevo puñal [...] sabrás cuanto puedes herir, solo con la mentira o sin la verdad*); ou reafirma seus sentimentos (*y te doy una vez más mi cuerpo y mi corazón; Sale alguien a Paris que lleva esta carta con mi corazón para Ud.*). Porém, tais expressões, tão amorosamente sentimentais, como igualmente o constata Darío Oses a respeito dessa carta de 26 de outubro de 1952, se minimizam pelo vocativo *mi retaguardia cagoncita* e pelos desenhos infantis e trocistas que acrescenta. Porque, não é raro misturar, nessas cartas, um tom emocional e terno ao tom brincalhão ou ao linear e prosaico. O brincalhão se mostra nesse relembrar do momento em que se apaixonou por ela *aunque tuviera fiebre*. Só depois, quando eles se encontraram na Romênia é que ele se deu conta de seus sentimentos o quer o leva a rotular-se respectivamente de *el muy pelotudo* (o muito bobo). Também, ao enviar, da Suécia, um postal para seu cão Donegal cujo nome antecede da expressão *Señor* além de lhe acrescentar o sobrenome de Matilde e a primeira letra do seu próprio sobrenome: *Bonjour, guau, guau, good morning, conserve tes longues oreilles et la couleur de tes cheveux. S'embrasse e [...]* Ou, mencionando-o a agradecer: *Fui esta mañana al Museo de Hist. Natural. Vi muchos animales raros pero ninguno como el*

Donegal) ou, ainda, ao enviar um cartão postal para *Matilde y Donegal* cuja graça se intensifica nas perguntas que faz: *Qué hace? Riega?* Pilheriando, no cartão em que escreve primeiramente, com letras grandes *Ojo!* Para afirmar em seguida que a sua amada será chamada, a partir de então de *Patoja Pablo Naruda*; e quando se despede dizendo *te besa en la trompa* ou *La abraza mi camisa, rodeando esse talle adorado* retoma, com seriedade, o nome que inventou para Matilde, na apresentação de *Los versos del capitán* (Doña Rosario) y se identificando como *el de Temuco*; ou ainda usa como vocativo o apelido de Matilde no diminutivo, *Patoxita*. Numa explicação, feita objetivamente – *No traigo el Canto porque traía outro libro. No hay espacio en la camioneta*, ele a antecede de um texto jovialmente didático que estabelece um castigo *para las chasconas porfiadas* entre as quais, se presume, está incluída Matilde, determinando, um prêmio (por bom comportamento, cujo beneficiário seria ele próprio uma vez que a levando a Valpo (Valparaíso) como promete, a teria em sua companhia. E na quadrinha ingênua, não isenta de rima rica, completa o perfil da *chascona porfiada*, no caso mentirosa. Tampouco, não são desprovidos de troça carinhosa alguns epítetos como *lagrimona, puma roja, cara de mona, Santa Matilde, hebicera de bolsillo, frivolona* que, na carta de 18 de abril de 1953, iniciada cerimoniosamente com um *Estimada Srta. Matilde* (repetido na despedida) se justapõem em número de oito: *alma mía, sangre de mis venas, sombrero de mi cabeza, cola de mi perro, tesoro de mi alma, punta de mi nariz, perra adorada, tabaco de mi pipa, tierra de mi corazón* como a querer, jocosamente, atenuar as expressões de ciúme: autointitular-se seu modesto amigo e acusá-la de mover sua *chasca en la calle* por não encontrá-la em casa, o que, de modo enfático e exagerado, designa de *ingratitude, infâmia, infernal harpia*. Ainda, a imagem *calientita como una tortilla fresca* numa comparação risonha como risonha é a enumeração de objetos díspares e inventados que lhe manda de presente como o anuncia na carta de 26 de outubro de 1952, escrita à máquina: *1 Caja china de cartón y seda para guardar y esconder las penas / 1 caballito blanco para que vengas corriendo a mi lado, 1 caracolo de las Islas para que me escuches en tu oreja noche y día / 1 frasco chino para que me guardes una lágrima, una cajita china para que me guardes una sonrisa / 1 cantarito de porcelana para que bebas y cantes / un pescadito de Italia para que vayas y vuelvas / y / muchos libros para que nos los leas*. Igualmente escrita à máquina, toda com diminutivos (Matildita Nerudita PATOXITA, cartita, maquinita, maridito, DON PABLITO) e

muitos erros de datilografia, aquela em que anuncia ter comprado a *magnífica* máquina de escrever que elogia ser de PRIMER ORDEN e designa como GANGA, nos sentidos que lhe dá o Aristos: objeto apreciável adquirido a baixo custo ou usado com o sentido irônico para designar um objeto sem valor ou incomodo.

Embora trate de um assunto sério, Neruda não se priva de fazer uma brincadeira. Assim, ao mandar a Matilde uma orientação prática – entrega do pacote com originais destinados à Editora Losada para um amigo que irá viajar a Buenos Aires – o bilhete que redige é escrito num tom formal que Darío Osés define como entre o *paródico e cúmplice* que faz lembrar a inclinação de Neruda para o disfarce: inventa para Matilde (a quem chama de Sra. Rosario) um marido (*saludando a su esposo*), na verdade, ele mesmo, e um filhinho chamado Nyon que é o nome do cachorro que eles trouxeram da Europa.

Mas, por vezes, é realmente prático e objetivo. Assim, ao tratar do envio de um endereço, de documentos, de recortes, de livros, se referir a um amigo, mencionar itinerários e planos de viagem; anunciar a remessa de flores ou de presentes (*te he buscado tiernos regalos, Le compre una linda botella verde y unos pájaros de madera*) e de eventuais ajudas financeiras; planejar os encontros com Matilde que ele tanto almeja e que, nas cartas, aparecem apenas esboçados. Se por uma vez faz referência ao transporte da bagagem até o porto, à possibilidade de levar animais a bordo, a cambio de moeda, a não ter ainda o visto para entrar no Uruguai o que expressa, sobretudo, é a vontade desse encontro, a reafirmação de que ele irá se realizar: *El proyecto de reunirnos no encuentra ningun obstáculo, por el contrario va cada dia mejor; yo quiero tenerla en mis brazos el 1 de año como el año pasado. Así será. Ou, pasaremos juntos el 1 del año. Ou, ainda: nuestro proyecto que está seguro.* E, persistente, como soi acontecer com amantes que estejam separados, esse desejo, sempre renovado, de estar junto com o ser amado que o Poeta exprime em pequenas frases (*me muero por estar contigo; deseo de estar contigo; siento en el alma no poder estar contigo, corazón; Solo tú me faltas, amor; que largos son los días sin ti y las semana.* Ou, estendendo-se em expressões, que podem se mostrar piegas (*cuanto las horas que me faltan para besar tu boca adorada. Amor, Amor, me haces mas falta que el aire y que el mar aquí completas lo más bello del mundo para mí*) ou se aproximar do mundo que aspira num delírio da esperança (*No te digo más sino que te extraño,*

te busco, te encuentre aunque no estes y te beso). E o constante lamentar da separação (*Aunque solo um día o dos que dolor no estar contigo; que largos son los días sin ti y las semanas; Solo que aqui no tengo cerca de mí lo que más quiero en el mundo, tu boca, tu cuerpo, tus ojos, vida mía*). Ou as lembranças de momentos felizes (*Hoy he paseado solo por esta ciudad de pronto vacía, con recuerdos en cada esquina, recuerdos de amor y locura*). E, inexorável, o persistir de Matilde no seu pensamento: *Un día sin verte pero viéndote; Yo pienso en ti día y noche, noche y día, amor mío, dulce mía* [...].

Inserindo-se na expressão amorosa do Poeta, breves referências a fatos do cotidiano: alude a encontros ocasionais com amigos nas suas viagens, a um pesadelo que teve, a um possível tremor de terra durante a sua viagem a Tocopila e ao carinho com que ali foi recebido. Também, sobre a gripe que o acometeu, sobre os exames médicos aos quais teve que se submeter e à preocupação pela saúde de Matilde que o impede de dormir bem, inquirindo como ela passou a noite, se marcou hora com o médico e, afirmando: *hago cuanto puedo por tu vida, no me gusta tu estado de ayer*. Expressão de cuidado com Matilde que se entremeiam a assuntos referentes à construção da casa nova, anuncia que está a lhe enviar *3 sacos de cemento* ou, eventualmente, se limitando apenas ao essencial sem se deter em vocativo, data, despedida ou assinatura como no bilhete em que dá conta de certas diligências relacionadas ao engenheiro e à lareira. Pede que subscrite envelopes, que lhe compre barbante no Mercado, que lhe mande o que precisa para se barbear, os medicamentos que tomava na Itália, menciona seu cão Donegal. Diz que perdeu a caneta. Por vezes, avisa que não passara na sua casa pela manhã, mas à tarde ou que vai lhe mandar o carro ou, ainda, pede que o mande de volta ao meio dia ou pelas dez horas.

Nos acordos para o uso do carro (*mande el coche antes de las 11; mándeme el coche a las 10; devuélvame el auto com Homero; y a qué horas debe salir para mandarle el coche*) ou nos recados que lhe manda (*Amor, si puedo paso a verte; Amor mío, no puedo pasar a verte; no creo que podré verla en la tarde quedamos en vernos el jueves*) evidencia-se a rotina instaurada. Pablo e Matilde já residem na mesma cidade embora não totalmente livres para estar juntos, pois ele ainda não desfizera os laços que o prendiam a Delia del Carril. Consequentemente, usavam de artifícios como vinham fazendo durante as viagens, para poderem se encontrar como aponta essa breve informação que fala da *Playa Salinas* e

da *casita colorada sobre roca* que, segundo Dario Oses parece sinalizar um possível encontro sempre desejado. Porque a falta que lhe fazia Matilde, confessada logo na primeira carta de 21 de dezembro de 1950 não diminuiu ao longo do tempo. Cinco anos depois escreverá: *que largos son los dias sin ti y las semanas!* E assim como confessa que a leva consigo *en la mitad del pecho* para onde quer que va – *yo pienso en tí dia y noche, noche y dia, amor mío, dulce mía, y no sé si te quiero pero te quiero* – também se mostra inseguro porque ao dizer *te espero* é levado a pedir uma reciprocidade, *espérame* que a expressão *no seas perra* que a antecede parece demonstrar uma dúvida.

Ao finalizar suas cartas, por vezes, Neruda não se despede e nem assina. Ou se limita à palavra *Siempre* ou à expressão, *hasta luego*, simplesmente, *ou seguida de Mil besos* ou do adjetivo *adorada*; ou envia um *rayo verde de todos los cielos* ou pergunta *cómo estás de fondo y forma?* Na sua grande maioria, porém, as despedidas se constituem declarações de amor: *Te aprieto a mi corazón amor mío, com cuerpo, alma y amor; Por último quiero decirle que la amo; Te quiere; Te quiero, amor; Te amo; La quiero con sol, de noche y de dia, a toda hora. Amor mío.* E a longa expansão amorosa *eres para mí, el centro de todas las cosas, de tu chasca sale el sol, tu boca es el pan de mi boca, tu corazón es mi corazón, tu cuerpo adorado es mi reino* talvez tenha sido imprescindível no difícil momento que viviam com a ameaça de não se concretizar a gravidez de Matilde o que já ocorrera antes. Também estão presentes os lamentos pela separação em que vivem. Neruda se refere ao tempo perdido, aquele em que não estiveram juntos, vislumbra uma esperança: *viver sim sobresaltos. Ou deseja-lhe a presença (te extraño, te busco, te encuentro aunque no estes).* Reafirma sua posse (*Eres mía*) e em cada carta, a sua entrega ao escrever, quase sempre no final, os possessivos *su suyo, tu tuyo, Es tuyo, siempre tu Capitán.*

E manda beijos nessas despedidas embora possa acontecer o envio de beijos no meio da carta (*acumularé todo el dia besos para tu cuerpo que es interminable para mí, aunque la vida me la pasaré besandolo no lo terminaré de besar ou te besa por todas partes empezando por la planta de tus pies y terminando en el último pelo de tu pelo de puma* [esta palavra puma aparece riscada] ou no início e no fim como na que escreve no dia em que faz cinquenta anos (*Amor mío, mi pimer beso [...] y todos los besos que caben en tu boca postal y en tu corazón que tiranizo*) Neruda manda beijos ao se despedir. Muitas vezes, simplesmente enviando *besos, Besos de Coihueco; muchos besos y “todo el amor”; mil besos; besos y otros mil;*

felicidades y besos; todos los besos. Ou apenas escreve num postal, enviado da Argentina, *Besos* e no postal seguinte, das ruínas de Machu Pichu, *Más besos.* Ou, usando o verbo com os pronomes de segunda pessoa (*te beso, te besa*) ou de terceira pessoa: *La besa a Usd en la trompa; la besa por todas partes; te besa estimada Srta.Matilde.* Ou se mostra trocista, *La beso y sigo mi oda* ou faz referência ao cabelo, à boca, ao coração, ao corpo de Matilde, *Todo eso [...] lo recuerdo y lo beso* ou a seus olhos *sus ojos que beso.* Seja acompanhado de um vocativo amoroso ou reafirmando a posse (*Amor mio te beso muchas veces; Eres mia y te beso*) expressa, também, na simbiose que ele determina: *besos para mi boca (que está em tu cara).* Ou dando razão para o beijo *Te beso por todo ese tiempo perdido; para darte el beso que te mereces valiente mujercita mía* ou, seu dizer amoroso mais ardente, completando essa ação de beijar com um objeto direto ou com advérbios de modo *Te beso de arriba a bajo; te beso toda la carne, los huesos y el alma; el beso mas largo, mas dulce, el que se quede en tu boca para toda la vida).* Exceções, aquele beijo que ele manda num momento de ciúme (*Um beso, pero en la frente de quién quiere deveras defender tu amor*) e o que determina que sejam todos *todos los besos que siempre vão contigo.* Ainda, a brincar, especificando tamanhos e cores: *cajón de besos surtido grandes y chicos, colorados, verdes color de cata etc.* Por uma vez, desejando um beijo de Matilde, quando lhe escreve numa de suas viagens e, possivelmente de um país onde havia neve, pois diz que *daria toda la nieve por uno solo de sus besos, pero de los que Ud. Sabe, no de los duros.* Outras vezes, contando as horas para *besar tu bocica adorada* ou, anunciando beijos: *apenas duerma* [ao voltar de uma viagem difícil] *vuelo a besarte.* E, presumindo um dia difícil, ainda assim, promete: *alcanzaré a darle um beso.* Ou, ainda: *esta no es una carta sino um beso. Te lo doy a través de la tierra y seguiré besándote através del mar.* E, cheio de lirismo os define: *Te mando mas besos que la lluvia que cae y pronto te los daré con mi propia boca.*

Cartas há sem vocativo e sem assinatura. A não ser duas vezes – nas poucas linhas que acompanham uma flor que lhe envia onde assina Neruda e numa carta em que simula estar a dirigir-se a uma pessoa estranha, quando assina Pablo Neruda, ele não coloca o seu nome no fim da carta, identificando-se de várias maneiras. Excepcionalmente o faz uma vez num postal escrito no trem transiberiano quando, junto a seu nome, consta está escritoormiga Hormiga, o apelido de Delia del Carril. Nas demais, apenas uma vez escreve *Pablo* (uma vez antecedido do advérbio *siempre*) e *tu Pablo*

duas vezes; ou a inicial de seu nome ou a inicial de seu nome antecedido do possessivo *tu* e do possessivo *su*. Adjetivos estes, usados, com frequência a anteceder, pleonasticamente, o pronome *tuyo* e *suyo* numa reafirmação de entrega: *tu tuyo*, *su suo* pois não poucas vezes usa apenas *Tu* ou *Suyo* (uma vez com a variante *suyo su admirador* ou *su Pablito*). Ou, acoplados ao termo *capitán*, (remetendo ao título do seu, então, livro secreto) com que assina um das cartas e também *capitano* (lembrando a Itália onde o livro foi publicado pela primeira vez). Assim *tu capitán*, *Tuyo Tu capitán*. *Su Capitán*, *Su capitano*, *Su cane di Capri*. Exceções, quando assina apenas *Capitán*, *Don Pablito*, *tu Bimbo*, *el de Temuco*, *el ciego de los versitos*.

As declarações de amor estão presentes ou no início ou no meio ou no final das cartas e, em muitas, se repetem. Simplesmente *te quiero*, *te amo*, *la amo* que, por vezes, são insuficientes para expressar tudo o que sente: ciúmes, necessidade de reafirmar posse e entrega, insegurança que o leva a defesa do amor que sente e que define.

Na primeira carta que faz parte da compilação *Cartas de amor*, datada de 21 de dezembro de 1950, as primeiras linhas são de reproche pelo que Matilde havia escrito e que à seguir, no caso em que ela aceite sua sugestão de viajar a Paris, a sua presença o livraria da raiva que sente. E conclui: *En verdad te necesito*. Já no mês de outubro, presumivelmente, como indica Dario Oses, do ano de 1951, é dominado por uma incontrolável crise de ciúme que o leva, inclusive a pensar em pedir a Ivette (uma amiga fiel?) que viaje a Paris para averiguar tudo que o intriga a respeito de Matilde. Três dias depois, insiste (*Te lo ruego que lo bagas*) para que ela escreva contando de sua viagem, dos seus companheiros de viagem, do hotel em que ficaram na Suíça. Mas, termina a carta, carinhosamente e repetindo que a espera. E, dois dias depois, novas perguntas e acusação (*Matilde fue todo eso um nuevo puñal*) às quais se junta a inquietação sobre os rumores de sua viagem com os amigos mexicanos. Outra vez, a disposição, confessando que junta toda a força necessária de “conservá-la”. Continua a insistir no quanto ela pode feri-lo com mentira ou com a falta de verdade. Porém, reafirma que o plano de encontro que planejam não sofre obstáculo. Mas, ainda pergunta: *E nosotros?* E, assim como, numa carta, diz *te espero* é levado a pedir reciprocidade, *espérame* que a expressão *no seas perra* que a antecede aponta para uma possível dúvida. Insegurança quer o leva a reafirmar posse e

entrega. Seja brincando: *mi amada desde ahora será llamada Patoja Pablo Neruda*, seja afirmando ser o seu dono: *Ahora ya te he arado entera, te he sembrado entera, te he abierto y cerrado, ahora eres mía. Para siempre*. Porém, se submetendo, igualmente, à entrega – *se que eres mía y que soy tuyo* – sentimento que o leva ao nós. Assim é que, então, irá definir esse amor a partir do possessivo de primeira pessoa plural: *nuestro maravilloso amor; lo importante es nuestro tesoro, nuestro amor; firme y profundo, el amor, tuyo y mío, lo nuestro; nuestro amor es como estos días de mar: limpios y claros solo para ser felices; Hay algo más importante que tu y que yo, somos tu y yo. Juntos somos lo que la pobre gente no alcanza jamás, el cielo en la tierra*. Não se negando, então, a enfrentar as agruras da vida, *enfermarnos juntos, sudar juntos y revivir juntos para querernos – solo por querernos toda la vida*. Não, porém, poupados da mágoa de não lhes ser permitido viverem juntos, é levado a proclamar: *defenderemos nuestro amor toda la vida; lo defenderemos pero no por días sino por la vida. Ya verás; mi vida le escogí yo y la escogí para ti también*. E, se tem certezas – *vas hacia mí. Adonde vayas, Andes, vuelas, corres, vas andando, volando, corriendo hacia mí* – igualmente se lamenta: *Cuando viveremos sin sobresalto?* Interrogação a exprimir um desejo ao qual ele acrescenta serem esses sobressaltos que tornam maiores as raízes do amor que os une. Como todo enamorado, tem sempre o pensamento cativo na figura amada, abstraído de tudo o mais, porque ela é o centro de todas as coisas e não duvida que o amor que dela recebe vai durar a vida inteira.

Muitos assuntos das cartas da fase que Dario Oses chama de “La época del amor secreto” estão presentes naquela que, também no dizer de Dario Oses, se agrupa sob a rubrica “Cuando el amor ya no se oculta”. A eles se acrescentam aqueles que o convívio da vida compartilhada propicia. Assim, nas cartas desta fase, há o anúncio de presentes (na verdade, poucos, apenas uma flor no seu aniversário, batatas de tulipas, *muchas cosas*), a narração de um sonho, onde passeou nas cidades europeias durante suas viagens, os amigos que, então encontra, notícias de sua saúde, já agora, com detalhes mais íntimos que a vida de casal autoriza como se referir a estar usando a última camisa limpa e a detalhes de sua higiene pessoal e a alguma medicação, a menção ao clima, aos aplausos que recebeu quando da cerimônia em que foi homenageado o poeta Mickiewicz, em Varsóvia. Ao escrever-lhe de Isla Negra, muitas são as referências a fatos do cotidiano: cachorros, eventuais convidados. E, observações um tanto ácidas sobre alguns amigos que

revelam, nessa correspondência, uma faceta desconhecida do Poeta. Quanto ao mais, nada de excepcional como ele próprio reconhece na carta de 22 de novembro de 1955: *No me dirá, mi amor, que no la he tenido informada de mis pequeñas cosas que son casi siempre las mas importantes*. E que não se mostram muito além do seu reduzido universo. Daí não ter conseguido Dario Osés identificar muitos dos personagens ou situações mencionadas e suas notas se reduzirem às poucas informações que lhe foi possível obter. Assim, o nome da nova casa que pensavam construir, sobre a sua casa na França e a empresa encarregada de vendê-la, alguns amigos, a Feira realizada em Valparaíso que expôs objetos que lhe pertenciam. Interessante, a nota que esclarece uma expressão usada por Neruda que estava escrevendo suas memórias: o P. de que fala se refere ao Partido Comunista Chileno.

Tendo em vista que a maior parte destas cartas foi escrita em casa, o papel foi aquele encabeçado pelo logotipo de Neruda. Com o timbre de Isla Negra, apenas uma carta. Em papel comum, uma ou outra carta. Postada de Amsterdam, aquela escrita num aerograma e outra, em papel timbrado do Palace Hôtel de Bruxelas. Num envelope a ele endereçado, escreveu uma frase apenas e duas frases num pequeno papel marrom. E três postais enviados da Rússia, com imagem da Rússia, de Amsterdam, de Londres (ambas as fotos são de torres com relógio) e do Rio de Janeiro com imagem da Holanda.

Em 1955, Neruda viaja a Europa para ser jurado do Prêmio Stalin da Paz, estar presente no Consejo Mundial de la Paz na Filândia e nas comemorações do Centenário da morte do poeta Adam Mickiewicz na Polônia. Escreve para Matilde uma carta de Amsterdam, um postal, voando para Bruxelas e uma carta de Bruxelas, duas de Varsóvia, outra de Berlin e um postal da Rússia em que diz que logo avisará quando estiver de volta. Pela correspondência, se tratou de uma curta estadia, pois a primeira carta data de 25 de novembro e a última mensagem, de 7 de dezembro. Segundo Dario Osés, provavelmente de 1956, ano em que Neruda esteve no Brasil, o postal escrito durante o voo para o Rio de Janeiro, curiosamente com imagem da Holanda. De 1966, apenas três mensagens. Escrita de Isla Negra em 4 de abril, quando Matilde viajara a Buenos Aires, uma carta longa e datilografada. Também de abril deste ano, do dia 30, um bilhete escrito numa *taberna solos com Campari y océano*. O *solos* se refere a Manuel, provável

amigo ou conhecido, não identificado por Darío Oses, que o acompanhava e que também, no bilhete, escreve umas palavras. Uma semana depois, no dia 7 de maio escreve umas linhas, dizendo que não recebera nem notícias dela nem de Alvarez quem tampouco foi identificado por Darío Oses. E será apenas quase um ano depois, no dia 3 de maio, que Neruda vai enviar um bilhete para Matilde cumprimentando pelo onomástico e mandando uma flor. A maioria das cartas data de 1973 e são aquelas enviadas quando Matilde viajou para a Europa no intuito de vender a casa que haviam comprado na França. Nelas, ou não aparecem referências ao lugar de onde estão a ser escritas, que os dizeres não deixam dúvida tratar-se de Isla Negra ou Isla Negra é, efetivamente, mencionada: uma vez, com todas as letras em caixa alta e outras três vezes, com o nome escrito por inteiro. E, ainda, cinco vezes, usando apenas as iniciais e duma feita, a inicial da primeira palavra e a segunda palavra por inteiro e, ainda, cinco vezes, usando apenas as iniciais. Uma vez, a inicial da primeira palavra e a segunda palavra por inteiro.

Neste ano de 1973, Neruda já se encontrava enfermo. No entanto, ainda que, eventualmente, acometido de novos achaques e, pelo que consta em uma de suas cartas, acamado, a escrita de Neruda, nestas cartas, se apresenta, quase sempre, na horizontal, indicando um estado de estado de espírito isento de pessimismo como seria o esperado. O que, sincero ou não, é reafirmado pelas suas palavras ao ser atacado por uma nova infecção que, segundo a pessoa que o estava cuidando, estava a melhorar, ele filosofa: *Pero no se alarme. A la lista de plagas una mas no importa*. Por vezes, sua escrita se mostra levemente inclinada para a direita. Uma única vez, escreve nos dois lados da folha. Em contrapartida, muitas vezes, usa as margens. Numa das cartas, escrita em duas folhas, na primeira delas, um pouco ascendente e na segunda, na horizontal. Na sua margem superior, e escrita ao contrário, a informação de que é bem cuidado pela pessoa que o atende. Também, uma única vez, se permitiu escrever nos dois lados da folha. Às vezes, escreve acima do logotipo e ao contrário dizendo sobre o modo como estava sendo bem tratado e assinando no canto inferior direito, na vertical. Tais acréscimos se relacionam a pedidos ou a informações sobre o carro ou neles seguem recados para alguém. Ou se despede. Uma vez, no lugar de seu nome desenha um minúsculo cão. Seis pequenos desenhos ele coloca

na margem da carta datilografada. Somente uma vez, nas últimas duas linhas da carta de 18 de abril, usa outra cor de tinta o que se constitui uma exceção pois sempre usa tinta verde.

Como é de seu costume, Pablo Neruda continua a registrar a data em que escreve de maneira bastante diversa. Numa das cartas de 1955, menciona o nome da cidade, o dia do mês abreviado e o ano, também abreviado. Noutra, apenas o nome do mês abreviado e o dia. Numa terceira, a data completa sem a menção da cidade e na carta que segue o nome da cidade, o dia do mês. E de Berlim, escreve o nome da cidade, o dia do mês, o nome do mês abreviado e o ano. Na carta de 1966, excepcionalmente, anota a data apenas em números: 4-4-1966. Em dois bilhetes, acrescenta o advérbio e o dia da semana: *hoj 30* e *domingo 7*. Nos dois casos, completa a informação na linha seguinte. O maior número de cartas do período em que o Poeta e sua mulher já moravam na mesma casa é do ano de 1973: as que foram enviadas a Matilde quando ela viajou para vender a casa em Paris. Em cinco delas, não consta o ano. Inclusive a última delas que se refere à volta de Matilde, diz apenas, *hoj sábado*. Nas outras, Neruda escreve dia, mês e ano, mas cada vez numa disposição diferente: em abril, numa delas; Isla Negra e na linha de baixo, *16 de abril 73*; dois dias depois, inicia a data com o ano abreviado, *73*, seguido de Isla Negra e na linha seguinte, *18 ab*. Em maio, escreve *73*, embaixo de I. N. [Isla Negra abreviado], seguido de *7 de Mayo*; no dia seguinte, escreve *8 de Mayo*, seguido, depois de uma vírgula, *de 1973* e após um ponto as iniciais de Isla Negra. Já no dia 11, começa com I. Negra, na linha seguinte *Sábado 11 de Mayo* e na outra linha, 1973. Finalmente, uma exceção: quando coloca o ano e na linha seguinte, *viernes santo*.

Todas estas cartas usam *usted* como pronome de tratamento. Quanto ao vocativo, em três cartas eles não existem e nas demais se resumem a três: *Amor* e *amor mio*, *Mi perra* e *Patoja*, com suas variantes: *mi perra*, *perra mia*, *perra rica*, *mi perrona*, *sin perra*, *mi perrísima*, *Perrísima mia*, *Pat Hoja*, *adorada perrotilla*, *patoja mia*, *mi Patoja*, *mi Patojera*, *Patojita mia*, *Patojuna*, *Patojona*, *Mi Patojona*, *mi patojenta*, *Patojilla*, *Mi Patojina*. E *Mi Patoja adorada* que aparece, também no fim de uma das cartas cujo vocativo foi *Amor*. No corpo da carta, antecedendo a promessa de que não mais irão se separar, os epítetos: *mujercita mia*, *fiera humana*.

Quanto ao assunto, nas cartas que enviou da Europa, Neruda conta o que fez em Amsterdam, em Bruxelas e o que lhe parece importante: seu cotidiano, como dormir a sesta, relatar o sonho que teve, anunciar que vestiu a última camisa limpa, tomar chá, ter estado com um amigo cujo cão era igual a Donegal, ir às festas programadas, suas andanças por Berlin, os trajetos que faz, com quem irá viajar, onde se hospeda e o que vê da janela do hotel, sobre o livro de Volodia que acabara de ser publicado. Por vezes, insere algumas linhas descritivas sobre o tempo: *nieve por todas partes, Hace un cielo Blanco, casi frío, um dia velado y triste* ou *hay mucho sol y hace frío en la calle*. Também, o que lhe é habitual, solicitar coisas como na carta em que pede a Matilde que mande uns exames médicos para a Unión des Ecrivains de Moscou. Ou, anuncia ter comprado batatas de tulipa para o jardim. E o pouco dinheiro gasto.

Já nas cartas de 1973, escritas em casa enquanto Matilde viajava para a França, os assuntos das cartas são bem mais prosaicos e por vezes mais do que terra à terra ao dar detalhes bastante íntimos sobre a sua doença e as novas complicações que vão aparecendo, que passou o dia na cama, que é medicado e atendido *en todo* por uma pessoa de nome Margarita que segundo diz *es muy buena (me lava y me polmadea; me lava y me cuida)*. Ou que recebeu visitas para almoçar. Triviais, as bisbilhotices sobre gente conhecida, os problemas com o carro e, eventualmente, com a casa, as dificuldades com os empregados, sua menção a dinheiro ou à falta dele. Como faz sempre, o pedido de coisas como fumo, *mucho tabaco* e o que precisa para limpar o cachimbo, remédios, carrancas, cachorros. Insistentemente, *Por ningún motivo deje de comprar la mesa de plástico y las sillas*.

O que, realmente, mudou nessas cartas onde prevalecem os assuntos cotidianos, foi o tom em que foram escritas. Por vezes descritivo, por vezes narrativo, uma ou outra vez lamurioso ao se queixar de solidão – *nunca he estado más solo*. E, embora enfermo, a recaída que o impede de ir a Buenos Aires para receber Matilde quando volta da Europa, não parece preocupá-lo porque aconselha: *No se amargue por esto, todo va bien y esto pasará*. E a não ser por um jogo de palavras em carta de 1966, *mi vida se había hecho mendicante por falta no de talones, sino de talonários* e uma referência alegre ao “recados” para Matilde, que, no seu dizer, *Catas, tórtolas, diamantes, y canários sin excluir la Panda le mandan trinos, zumbidos y pelos (de la Panda)*, não mais aparecem nessas

cartas da fase “Cuando el amor ya no se oculta”, as brincadeiras que fazia nas anteriores. Em contrapartida, nelas se fazem presente a ironia, o sarcasmo, a crítica.

Refere-se a um discurso que deveria fazer sobre Praga, como *discursito* indicando com esse diminutivo a pouca importância que lhe estava dando. Aos norte-americanos que o convidaram a participar no Congresso do Pen Club em Nova Iorque, oferecendo-lhe duas passagens, ele chama de *buenos gringos*, expressão que, certamente, estava bem longe de ser cordial.

Três vezes se refere, como se tivesse contas a ajustar, depreciativamente ao assim digamos, amigo Homero Arce que o estava ajudando na redação de suas memórias. Porque não quis ir uma noite, desculpando-se por falta de transporte, quando Neruda estava disposto a escrever e, então, o chama de *mañoso (aquele que tem manias)*; outra vez, dúvida de sua palavra (que sabia dirigir porque havia aprendido de criança), assertiva que leva Neruda a concluir: *no tengo porque no creer a una persona con antecedentes oficiales tan correctos*. E, ainda, uma terceira vez, inamistoso escreve: *Homero me causa preocupaciones por su manera de andar: descubri que se hace el cojo, y por ese camino no se puede llegar muy lejos, sino a la cojera*. Quanto às críticas, não se priva de fazê-las a pessoas que lhe estão bem próximas. De Baltasar Castro, seu amigo de muitos anos e que, inclusive, como lembra Dario Oses, na condição de Presidente da Câmara dos Deputados, fizera gestões para apoiar-lhe a candidatura ao Prêmio Nobel, comenta que ele deseja ir a Estocolmo e opina: *es el colmo (é o cúmulo)*. De sua irmã diz: *Laura es un fantasma tuerto, la pobre*; de Margarita Aguirre, amiga e comadre, opina que, na sua carta, manda novidades que parecem velhas; de uma amiga que vai almoçar na sua casa observa que *Ella con los labios blancos parecia una negra. A cada momento decía chucha como un Matta cualquiera*. De Miguel Angel Asturias, que ao receber o Prêmio Lenin disse ter ficado muito honrado e que depois protestou por *la sentencia de los jurados* diz que *tal atitude parecería de mal gusto*. Se a crítica apreze minimizada pelo uso do condicional, a amplia ao acrescentar *Pero adivino que la estrategia de Blanquita [a mulher de Miguel Angel Asturias] es hacer ese movimiento envolvente para sacarse tambien el outro premio*. Assertivas que exprimem uma perversidade ao que tudo indica injustificada pois as atitudes de Asturias não parecem lhe aportar nenhum prejuízo e que se mostra estranha se relembradas as palavras de Neruda ao evocar, nas suas memórias (*Confieso*

que he vivido, 1974, p. 220) os dias que passou na Guatemala quando ele e Miguel Antel Asturias estiveram juntos por uma semana: *Comprendimos que habíamos nacido hermanos y casi ningún día nos separamos* (NERUDA, 1974, p. 220). Amizade que será posta à prova quando o escritor guatemalteco, em missão diplomática na Argentina onde Neruda chegara, vindo do Chile, lhe cede o próprio passaporte para que Neruda possa burlar a perseguição de que era vítima e viajar para Paris, o que dificilmente poderia ser feito em condições normais pois estava sendo procurado pela polícia de seu país (NERUDA, 1974, p. 260). Sobre o filho de Alberto e Olga Mántaras que lhe emprestaram a casa no litoral uruguaio para passar um fim de ano com Matilde, comenta que ele apareceu sem avisar para o almoço e *tan sombrío como antes y con la chica que está mejor, mas gordita y compensa la estolidez* [a parvoíce] *del ex-presidiario*. De fato, Rafael Mántaras fora detido, acusado de vinculação com os tupamaros segundo nota explicativa de Dario Oses que também se refere à carta que Neruda teria escrito ao casal amigo, não apenas convidando-os para passar o Ano Novo juntos como se oferecendo: *Si piensan que en algo puedo ayudar piensa que haré lo que me pidan*. E se permite, ainda, dizer de suas empregadas: *Su delirio es retratarse. Hoy vino un fotógrafo especial, de el Tabo, a retratarlas. Por suerte la máquina no retrata sus exalaciones*. E, exceção, o emprego da palavra *mierda* para mostrar descontentamento face à falta de cartas de Matilde.

Por uma vez, nessa correspondência, Neruda não se despede. Numas poucas linhas escrita a bordo do avião que o levava a Bruxelas, diz que está bem, acabara de tomar chá, que perdeu o chale (*nuestro chal*) e termina perguntando *Y ud?* Nas demais cartas as despedidas enviam beijos: *mil besos, besos mil, Besos y besos y besos, Besos de su cane, Todos los besos de su cane, Todos los besos de Su Suyo, Todos los besos de su P., Un gran beso*. Ou acrescenta reafirmações de amor: *Muchos besos y todo mi corazón; Hasta pronto mi Patoja adorada, cuídese y cuídeme; Le mando millones de besos y algo mas; Esto es todo, agregándole sólo los besos que se merece mi adorada Patoja; Todo menos el dolor de no tenerla en mis brazos y besarla con tanto amor que nadie puede disputarle; La quiero y la beso; Le anticipo algunos besos para Ud. y para los canes; Todos los besos para su boca, todo mi amor para mi adorada perrotita*. Por vezes, as expressões de amor são breves: *para Ud mi corazón entero; La ama; Perrotita, hasta luego; Hasta luego mi amor; La espero y la quiere*.

Quatro cartas, Neruda não assina. Numa delas, desenha um pequeno cão o que está em sintonia com a assinatura da maior parte dessas cartas: quatro vezes escreve *su cane*. Uma vez *su can*, outras vezes *Su Perro Cane*, *Su perro can*. Também, *Su perro*, *su perro* e *su P* [acrescentando] (*de Pablo y de Perro*). Ou, *y solo suyo*. Nas demais, apenas P. (também antecedido do possessivo *su* ou do possessivo reafirmado pelo advérbio *su suyo P*.) Verdadeira exceção, a mensagem de duas linhas em que assina seu nome completo: Pablo Neruda. E, assim esconder seu nome poderia ter sido considerado, nas cartas pertencentes à primeira fase, uma ingênua tentativa de nelas não revelar o nome do verdadeiro autor das cartas. Nesta segunda fase, porém, tal cuidado não seria mais necessário uma vez que já estava casado com Matilde. Eludir o seu nome, assinando a meias, teria, então, um outro significado?

Ao viajar, na década de cinquenta, Neruda lamentou que Matilde não estivesse com ele quando assistiu ao balé *Romeu e Julieta* em Varsóvia ou quando passeou pela cidade velha de Bruxelas, considerando ser desleal ver, sozinho, a sua beleza. Então, afirma e reafirma *que la próxima vez vendremos juntos; nunca nos separaremos; ya no volveremos a separarnos*. Referindo-se a algum assunto de seu interesse diz que tudo será resolvido menos *el dolor de no tenerla en mis brazos*. E promete: *espéreme que haremos el mas lindo viaje bien apretados los dos*. Essa falta que Matilde lhe faz, ele irá, também, expressar quando lhe escreve de Isla Negra. Ao mencionar que dez canários estão no quarto, acrescenta que lhe falta o canário de Coihueco, isto é, Matilde cantora. Porém, a não ser dizer-lhe que *figura en el sitio central de mi geografia*, na carta em que reconhece serem as notícias que lhe conta de *poca extensión geográfica*, as declarações de amor irão se limitar a brevíssimas expressões. Ou acrescenta reafirmações de amor: *Muchos besos y todo mi corazón; Hasta pronto mi Patoja adorada, cuídese y cuídeme; Le mando millones de besos y algo mas; Esto es todo, agregándole sólo los besos que se merece mi adorada Patoja; Todo menos el dolor de no tenerla en mis brazos y besarla con tanto amor que nadie puede disputarle; La quiero y la beso; Le anticipo algunos besos para Ud. y para los canes; Todos los besos para su boca, todo mi amor para mi adorada perrotita*. Por vezes, as expressões de amor são breves: *para Ud mi corazón entero; La ama; Perrotita, hasta luego; Hasta luego mi amor; La espero y la quiere*.

Conclusão

A epistolografia de Pablo Neruda é muito vasta e dela fazem parte as cartas de amor que foram salvas porque é muito provável que algumas tenham sido perdidas e outras ainda permaneçam desconhecidas. Como companheira e musa maior de sua poesia, Matilde Urrutia é destinatária das expressões de um grande poeta mas, também, depositária de informações sobre itinerários percorridos, situações vividas que revelam idiossincrasias expressas na espontaneidade de uma primeira pessoa que se dirige àquela a quem sentimentalmente está ligado.

Jorge Edwards no Prólogo ao livro de Abraham Quesada Vergara, *Correspondencia entre Pablo Neruda y Jorge Edward* diz que o Poeta era um *corresponsal chistoso, chispeante, bromista* (QUESADA VERGARA, 2012, p.13). Facetas que não estão ausentes nas suas cartas de amor para Matilde Urrutia como, também, se constitui algo de comum na sua correspondência – o habitual uso de apelidos. E, como já o fizera Stendhal nas cartas que escrevia, colmadas de brincadeiras e invenções de nomes e, no entanto, circunspectas em relação a determinadas pessoas, assim, também, dependendo do destinatário escreve Neruda. Que sirva de exemplo a carta que escreveu a Don Carlos Ibañez del Campo, então Presidente do Chile, reivindicando seu direito de eleitor, anulado ao ser promulgada a lei que declarava proscrito o Partido Comunista do Chile e impedia seus militantes de votar (NERUDA,1978, p. 341). Ou aquelas que escreveu ao poeta equatoriano Jorge Carrera de Andrade nas quais, no entanto, não resistiu à tentação, como sempre soia ocorrer na sua correspondência para Matilde, de encomendar coisas. No caso, como o poeta equatoriano estivesse nos Estados Unidos, onde, segundo Neruda, havia *lojas de caracóis*, pediu-lhe dois exemplares famosos, o Tridacna Squamosa e o Argonauta Argo para a sua coleção (QUESADA VERGARA, 2012, p. 51).

Estas cartas para Jorge Carrera Andrade se apresentam segundo os modelos usuais, com data, vocativo, despedida e assinatura com o seu nome completo. Não as que escreveu, para Jorge Edwards em que, muitas vezes, inventa-lhe apelidos, (um deles, Pedwards, usado quando está, por alguma razão, descontente com ele). Igualmente, em relação às datas, omite alguma vez, o ano. Também, o lugar de onde escreve, talvez porque isso fosse

evidente ou porque, ao usar o papel timbrado de Isla Negra acreditasse ser desnecessário mencioná-lo.

O presente estudo das cartas de amor de Pablo Neruda a Matilde Urrutia se constitui, sobretudo, um trabalho descritivo que se detém no papel em que as cartas foram escritas, nos detalhes quando à letra e sua disposição na folha, nos elementos usuais da missiva como data, vocativo, assunto, assinatura, mas, também, nos sentimentos que foram expressos no intuito de tentar compreender a idiosincrasia do homem que as escreveu. Pablo Neruda *não brincava com seu nome próprio* [...] diz Jorge Edwards (QUEZADA VERGARA, 2007, p. 14). No entanto, nessas cartas de amor para Matilde foi sempre o que ele fez assinando-as de muito diversas maneiras e, apenas, uma vez no dia COMPLAR Pablo Neruda.

Muitas outras cartas de amor e para outras destinatárias o Poeta escreveu. Albertina Azócar, um grande amor de sua juventude, recebeu dele mais de cem cartas (LOYOLA, 2014, p. 79). Tereza Vásquez destruiu as cartas recebidas depois de tê-las transcrito, permitindo, assim que fossem publicadas como as de Albertina Azócar nas *Obras completas, V*, organizadas por Hernán Loyola. Para Delia del Carril, durante o tempo em que com ela viveu também escreveu muitas cartas. Já separada do Poeta, ela as emprestou para um amigo e, até 1997 elas não haviam sido recuperadas (SAEZ, Fernando, 1997, p. 45). Escrita em diferentes momentos de sua vida, abrangendo juventude, maturidade e últimos anos, essas cartas de amor se abordadas sob um prisma comparativo, poderiam talvez, ser reveladoras de um algo mais desse universo amoroso do Poeta que ainda intriga ao permanecer protegido nos seus mistérios. Um estudo que poderia resultar instigante, pois, se algum mistério chegasse a ser revelado, outros tantos, certamente surgiriam em meio aos muitos segredos. Segredos que, presume-se, os amorosos nunca irão permitir que se desvendem.

REFERÊNCIAS

LOYOLA, Hernán. *Obras completas de Pablo Neruda*. V.5. Barcelona, Galaxia Gutemberg, 1999-2002

_____. *El joven Neruda*, Santiago de Chile, Penguin House Grupo Editorial, 2014.

NERUDA, Pablo. *Cartas de amor*. Edición, introducción y notas de Darío Oses. Barcelona, Seix Barral, 2010

_____. *Confieso que he vivido*, Barcelona, Seix Barral, 1974

Para nacer he nacido. Barcelona, Seix Barral, 1978

QUEZADA VERGARA, Abraham. *Correspondencia entre Pablo Neruda y Jorge Edwards*. Santiago de Chile, Alfaguara, 2007.

_____. *Pablo Neruda y Jorge Carrera Andrade*, Quito-Ecuador, Libresa, 2012

SAEZ, Fernando. *Todo debe ser demasiado*. Biografía de Delia del Carril. La Hormiga. Providencia. Chile, Sudamericana, 1997.